

Daniel  
14 cópias  
COC

DEDALUS - Acervo - FFLCH



20900042637

USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitora Suely Vilela  
Vice-reitor Franco Maria Lajolo

edusp

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente José Mindlin  
Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas  
Benjamin Abdala Júnior  
Carlos Augusto Monteiro  
Maria Arminda do Nascimento Arruda  
Nélio Marco Vincenzo Bizzo  
Ricardo Toledo Silva

Diretora Editorial Silvana Biral  
Editoras-assistentes Marilena Vizentin  
Carla Fernanda Fontana

André João Antonil

*Cultura e Opulência do Brasil  
por suas Drogas e Minas*

*Introdução e Notas*

Andrée Mansuy Diniz Silva

edusp

SBD-FFLCH-U



310550



## LIVRO II

### CAPÍTULO I

#### *Da escolha da terra para plantar canas-de-açúcar, e para os mantimentos necessários e provimento do engenho*

As terras boas ou más são o fundamento principal para ter um engenho real bom ou mau rendimento. As que chamam massapés, terras negras e fortes, são as mais excelentes para a planta das canas<sup>1</sup>. Seguem-se atrás destas os salões, terra vermelha capaz de poucos cortes porque logo enfraquece<sup>2</sup>. As areíscas, que são uma mistura de areia e salões, servem para mandioca e legumes, mas não para canas<sup>3</sup>. E o mesmo digo das terras brancas que chamam terra de areia, como são as do Camamu<sup>4</sup> e da Saubara<sup>5</sup>.

1. Já registado nos Açores e na Madeira, onde se cultivou a cana desde o século xv, o vocábulo *massapé*, de origem popular, passou para o Brasil quando ali foi introduzida a cana, e foi aplicado aos terrenos de qualidade análoga (ver GASPARET FRUCTUOSO, *Saudades da Terra*, livro III, *Ilha de Santa Maria*, p. 65, s.v. *maçapez*). Terra argilosa que provém da decomposição de rochas sedimentares cristalinas, rica em matérias orgânicas, de cor preta, e também vermelha e amarela, o massapé era considerado o mais próprio para o cultivo da cana-de-açúcar; era principalmente localizado no norte do Recôncavo baiano, entre São Francisco do Conde e Santo Amaro, e em alguns vales aluviais do Nordeste. A cana dava-se também em outros solos argilosos, mas era sobretudo dependente das condições climáticas da chamada zona da mata (clima quente e úmido), hoje quase totalmente desaparecida (ver AFFONSO VARZEA, *Geografia do Açúcar no Leste do Brasil*, p. 248; MÁRIO LACERDA DE MELO, *Aspectos da Geografia do Açúcar no Brasil*, pp. 471-473; KATIA M. DE QUEIRÓS MATTOSO, *Bahia, Século XIX...*, pp. 54-58).
2. À falta de massapé, o *salão*, terra argilosa misturada com areia, podia servir para o cultivo da cana-de-açúcar, mas era considerado mais apropriado para o tabaco (ver AFFONSO VARZEA, *op. cit.*, p. 248).
3. Ainda mais silicosas do que os salões, as *areíscas* não convinham, pois, ao cultivo da cana.
4. Pequena vila no sul da capitania da Bahia, entre o rio Una e o rio de Contas, Camamu situa-se na faixa de areias que se estende entre o mar e os planaltos do interior. Juntamente com as vilas de Cairu e Boipeba, no final do século xvii, era um dos principais centros de abastecimento da cidade da Bahia em mandioca, como testemunham numerosos documentos do Senado da Câmara da Bahia (DHRJ, LXXXVII, pp. 26-27, 29, 30-31, 32, 35-36, etc.).
5. Pequena vila situada na costa oriental da península de Iguape, ao norte da baía de Todos os Santos. Esta península pertence ao município de Santo Amaro, já mencionado (nota 1), onde os terrenos ricos em massapé permitiram a concentração da maior parte da indústria açucareira da Bahia, mas os seus solos arenosos, pobres em elementos fertilizantes, só permitiram o cultivo da mandioca (ver ALFREDO JOSÉ PORTO DOMINGUES e ELZA COELHO DE SOUZA KELLER, *Bahia...*, p. 170).

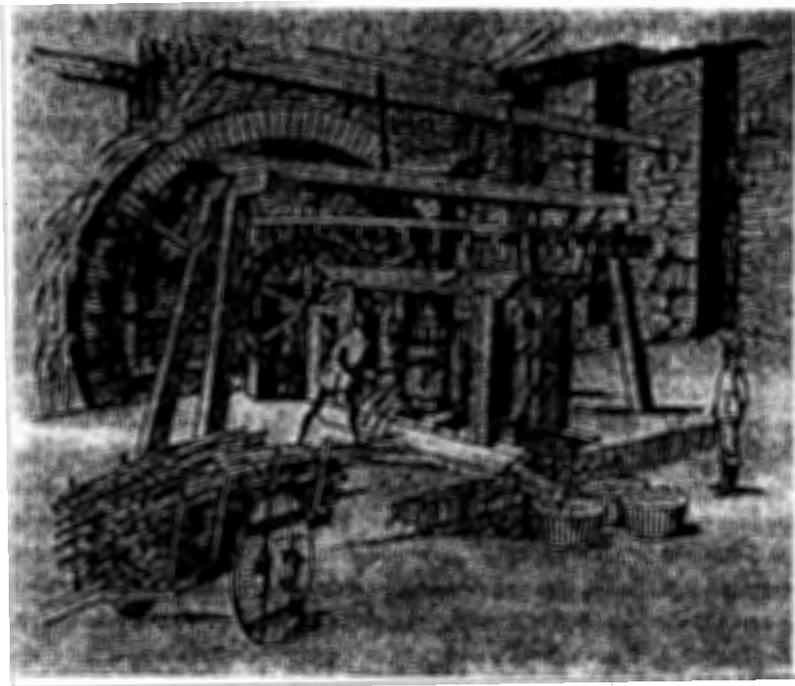


Fig. 2. *Engenho de açúcar movido a água.*

(Desenho reproduzido de Alceu MAYNARD ARAÚJO, *Folclore Nacional*, III, p. 386.)

A terra que se escolhe para o pasto ao redor do engenho há de ter água, e há de ser cercada ou com plantas vivas, como são as de pinhões<sup>6</sup>, ou com estacas e varas do mato<sup>7</sup>. O melhor pasto é o que tem muita grama<sup>8</sup>, parte em outeiro e parte em várzea, porque desta sorte em todo o tempo, ou em uma ou em outra parte, assim os bois como as bestas acharão que comer. O pasto se há de conservar limpo de outras ervas que matam a grama, e no tempo do inverno se hão de botar fora dele os porcos, porque o destroem fossando. Nele há de haver um ou dois currais onde se metam os bois para comerem os olhos da cana<sup>9</sup> e para estarem perto do serviço dos carros. E também as bestas se recolhem no seu curral para as não haver de buscar espalhadas.

Andam no pasto, além das éguas e bois, ovelhas e cabras, e ao redor do engenho a criação miúda, como são perus, galinhas e patos, que são o remédio mais pronto para agasalhar os hóspedes que vêm de improviso. Mas porque as ovelhas e os cavalos chegam muito com o dente à raiz da grama, são de prejuízo ao pasto dos bois. E por isso se o destes fosse diverso seria melhor.

Os matos dão as madeiras e a lenha para as fornalhas. Os mangues dão caibros e mariscos<sup>10</sup>. E os apicus (que são as coroas que faz o mar entre si e a terra firme e as cobre a maré) dão o barro para purgar o açúcar nas formas e para a olaria, que na opinião de alguns se não escusa nos engenhos reais<sup>11</sup>.

6. Antonil refere-se aqui à planta comumente chamada *pinhão-de-purga* ou *purgueira* (*Jatropha curcas* L., família das Euforbiáceas) por causa das virtudes medicinais do óleo extraído das suas sementes. O dito óleo chegou a ser empregado em saboaria, e é curioso referir que no início do século XX foi utilizado para abastecer os candeieiros de iluminação de Lisboa (cf. J. E. MENDES FERRÃO, *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*, p. 126). O naturalista holandês MARCGRAVE, que viajou pelo Nordeste do Brasil no século XVII, na época da ocupação de Pernambuco pelos seus compatriotas, refere que esta árvore, de tronco flexível e frágil, da altura de uma figueira, se reproduz facilmente por estaca, sendo por isso muito usada "para fazer cercas vivas, ao redor dos jardins" (*História Natural do Brasil*, pp. 96-97). Ver também a obra de outro naturalista holandês da mesma época, PISO, *História Natural e Médica da Índia Ocidental*, pp. 382-384.
7. VICENTE DO SALVADOR (pp. 29-30) também menciona "grandes cercas que fazem aos pastos dos bois dos engenhos, por que não saiam a comer os cannavias do assucar e os achem no pasto, quando os houverem mister pera a moenda, as quaes cercas se fazem de estacas e varas atadas com [...] cipós".
8. *Grama* (ou *capim*): termo genérico aplicado a numerosíssimas espécies da família das Gramíneas, que servem como forragem.
9. Ver MARCGRAVE, p. 83: "As folhas ou sumidades da cana, bem como as folhas mais novas, são chamadas *olhos* pelos portugueses; são tiradas todas as tardes no espaço necessário, e esparsas aqui e ali servem de forragem para os bois que se acham ali encerrados, a fim de que estejam de manhã dispostos para o trabalho". Ver também *infra*, p. 120.
10. *Mangues*: por exemplo, *Conocarpus erectus* L., cuja madeira serve para caibros, conforme indica PISO CORREIA, *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil...*, v, p. 85.
11. *Apicu* ou *apicum* ou *coroa* (bras.): faixa litoral de areia misturada com alguma argila, coberta com mangues. Sobre o preparo da argila dos apicus para a purga do açúcar, e sobre a opinião de Antonil relativamente à oportunidade de o engenho de açúcar ter uma olaria, ver *infra*, pp. 157-159.

De todas estas castas de terras tem necessidade um engenho real, porque umas servem para canas, outras para mantimento da gente, e outras para o aparelho e provimento do engenho, além do que se procura do Reino. Porém nem todos os engenhos podem ter esta dita, antes nenhum se achará a quem não falte alguma destas coisas. Porque aos que estão à beira-mar comumente faltam as roças e a lenha, e aos que estão pela terra dentro faltam outras muitas conveniências que têm os que estão à beira-mar no Recôncavo. Contudo, de ter ou não ter o senhor do engenho cabedal e gente, feitores fiéis e de experiência, bois e bestas, barcos e carros, depende o menear e governar bem ou mal o seu engenho. E se não tiver gente para trabalhar e beneficiar as terras a seu tempo, será o mesmo que ter mato bravo com pouco ou nenhum rendimento. Assim como não basta para a vida política ter bom natural, se não houver mestre que com o ensino trate de o aperfeiçoar ajudando-o.

## CAPÍTULO II

### *Da planta e limpas das canas, e da diversidade que há nelas<sup>12</sup>*

Feita a escolha da melhor terra para a cana, roça-se, queima-se e alimpa-se, tirando-lhe tudo o que podia servir de embaraço. E logo abre-se em regos altos palmo e meio e largos dois, com seu camalhão no meio, para que nascendo a cana não se abafe. E nestes regos ou se plantam os olhos em pé, ou se deitam as canas em pedaços três ou quatro palmos compridos<sup>13</sup>. Se for cana pequena, deita-se também inteira, uma junta à outra, ponta com pé. Cobrem-se com a terra moderadamente. E depois de poucos dias, brotando pelos olhos, começam pouco a pouco a mostrar sua verdura à flor da terra, pegando facilmente e crescendo mais ou menos conforme a

12. Neste capítulo, Antonil não oferece nenhum tipo de informação botânica sobre a cana e sua importação e desenvolvimento no Brasil. Os leitores interessados consultarão com proveito as páginas dedicadas a este assunto pelo Professor JOSÉ E. MENDES FERRÃO, *A Aventura das Plantas...*, pp. 19-32.

13. Esta técnica manteve-se ao longo dos séculos XVII a XIX; conforme se pode ver nas obras já referidas de PISO, p. 252, e VILHENA, I, pp. 176-177. Nas Antilhas francesas, segundo LABAT (III, p. 148), a técnica era algo diferente: abriam-se covas pequenas nas quais eram plantados dois pedaços de cana, sendo de notar que dos olhos da cana nunca nasciam canas tão boas como aquelas que nasciam do próprio tronco da cana: "Les têtes des cannes plantées ne produisent jamais d'aussi belles cannes que les tronçons que l'on coupe dans le corps de la canne, qui ayant plus de suc et de sève, ont par conséquent plus de force pour pousser des racines et des rejettons gros et vigoureux". Outra diferença: o tamanho dos pedaços de cana era maior no Brasil.

para se queimar a seu tempo. E se for necessário botá-lo em parte mais distante, não bastará uma só escrava, mas haverá mister outra que a ajude, porque de outra sorte não se daria vazão a tempo e ficaria embaraçada a moenda<sup>69</sup>.

Sobre o parol do caldo que, como temos dito, está metido na terra, há uma guindadeira que continuamente guinda para cima com dois cubos o caldo. E todas as sobreditas escravas têm necessidade de outras tantas que as revezem depois de encherem o seu tempo, que vem a ser a metade do dia e a metade da noite. E todas juntas lavam de vinte e quatro em vinte e quatro horas com água e vasculhos de piaçaba toda a moenda<sup>70</sup>. A tarefa das guindadeiras é guindar cada uma três paróis de caldo, quando for tempo, para encher as caldeiras, e logo outra outros três, sucedendo desta sorte uma à outra para que possam aturar no trabalho. E para o bom governo da moenda, além do feitor que atende a tudo neste lugar mais que em outros, parte de dia e parte de noite, há um guarda ou vigiador da moenda, cujo ofício é atentar em lugar do feitor que a cana se meta e se passe bem entre os eixos, que se despeje e tire o bagaço, que se refresquem e limpem os agulhões e a ponte, e sucedendo algum desastre na moenda, ele é o que logo acode e manda parar.

## CAPÍTULO VII

### *Das madeiras de que se faz a moenda e todo o mais madeiramento do engenho, canoas e barcos, e do que se costuma dar aos carpinteiros e outros semelhantes oficiais*

Antes de passar da moenda para as fornalhas e casa das caldeiras, parece-me necessário dar notícia dos paus e madeiras de que se faz a moenda e todo o mais

69. É importante notar que na época em que Antonil escrevia, e contrariamente ao que se fazia nas Antilhas francesas, o bagaço não era usado como combustível para as fornalhas (ver *infra*, pp. 138-140, e LABAT, III, pp. 203-204). MARCGRAVE (p. 84) refere que o bagaço era queimado, destinando-se as cinzas a adubo.

70. LABAT (III, pp. 217 e 220-222) menciona duas lavagens cotidianas, e insiste nesta necessidade: "Une des choses qu'on ne saurait assez recommander aux négresses qui servent le moulin est de le tenir propre en le lavant souvent. Les raffineurs ou ceux qui tiennent leur place doivent être exacts jusqu'au scrupule sur ce point-là, duquel dépend toute la beauté de leur sucre, surtout du sucre blanc: car si le moulin est sale et gras, le jus qui sort des cannes contracte aussitôt les mêmes défauts et devient aigre avant que d'arriver aux chaudières, ce qui de tous les défauts est le plus à craindre et où il n'y a point de remède. On lave ordinairement les moulins deux fois par jour; le matin dès qu'il fait jour en prenant le quart, et un peu avant la nuit". Ver também PISO, p. 254.

madeiramento do engenho, que no Brasil se pode fazer com escolha por não haver outra parte do mundo tão rica de paus seletos e fortes, não se admitindo nesta fábrica pau que não seja de lei, porque a experiência tem mostrado ser assim necessário. Chamam paus de lei aos mais sólidos, de maior dura e mais aptos para serem lavrados<sup>71</sup>, e tais são os de *sapucaya*<sup>72</sup>, de *sapupira*, de *sapupira-cari*, de *sapupira-mirim*, de *sapupira-açu*<sup>73</sup>, de *vinhático*<sup>74</sup>, de *arco*<sup>75</sup>, de *jetay amarelo*<sup>76</sup>, de *jetay preto*<sup>77</sup>, de *messetauba*<sup>78</sup>, de *maçaranduba*<sup>79</sup>, *pau-brasil*<sup>80</sup>, *jacarandá*<sup>81</sup>, *pau-de-óleo*<sup>82</sup>, *picaçy*<sup>83</sup> e ou-

71. Dadas as dificuldades de identificação de várias árvores mencionadas neste capítulo, optei por respeitar a grafia do texto original de Antonil, e restituir nas notas a grafia moderna quando foi possível. Aqui vai a minha especial gratidão à Dra. Maria Cândida Liberato, investigadora principal do Instituto de Investigação Científica Tropical: sem a sua competência e incansável ajuda, ter-me-ia sido impossível identificar de maneira correta a maior parte das espécies botânicas mencionadas neste capítulo.
72. Árvore referida por muitos autores da época colonial, sob vários nomes: *sabucá*, *jaçapucaya*, e *sapocaya* (cf. SOARES DE SOUSA, p. 213; VICENTE DO SALVADOR, pp. 31-32; SIMÃO DE VASCONCELLOS, *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, 1, pp. CXXXV-CXXXVI; PISO, pp. 306-307; MARCGRAVE, p. 128). Hoje ortografada *sapucaya*, é também conhecida como *sapucaya-vermelha*, *marmitta-de-macaco*, etc.: identificada como *Lecythis pisonis* Cambess. (cf. M. Pío CORREA, *Dicionário das Plantas Úteis do Brasil*, VI, pp. 59-60, e HARRI LORENZI, *Árvores Brasileiras*, 1, p. 141). A sua madeira de cor avermelhada, muito dura e imputrescível, servia para fazer os eixos das moendas.
73. Hoje *sapupira*: usado, simplesmente ou ligado a um sufixo (-*cari*, -*mirim*, -*açu*), o nome é atribuído a diversas espécies de *Bowdichia* Kunth e *Dipterocarpus* Benth. (família das Leguminosas, subfamília Papilionoideae; cf. Pío CORREA, *op. cit.*, VI, pp. 66-70 e LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 195 e 2, p. 197). Estas árvores encontram-se referidas com o nome de *sepepiras* por SOARES DE SOUSA (p. 214): "tiram-se delas virgens, esteios e fusos para os engenhos; a madeira é parda e muito rija, e tão liada que nunca fende; e para ligação de navios e barcos é a melhor que há no mundo, que sofre melhor o prego e nunca apodrece; de que também fazem carros muito bons".
74. O nome *vinhático*, que se conservou até aos nossos dias, é atribuído a várias espécies de *Plathymentia* Benth., especialmente a *Plathymentia foliolosa* Benth., família das Leguminosas, subfamília Mimosoideae (cf. LEWIS, *Legumes of Bahia*, p. 112, e LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 187). SOARES DE SOUSA (p. 211) atribui-lhe o primeiro lugar nas *árvores reais*, isto é, nas madeiras de lei: menciona a sua madeira "amarela e doce de lavar, a qual é incorruptível [...] e serve para as rodas dos engenhos, para outras obras deles, e para casas e outras obras-primas [...] os muito grandes paus desta parte são ocos por dentro, dos quais se fazem canoas tão compridas como galeotas".
75. Árvore conhecida como *pau-d'arco*, *ipé* e *tabebuia*. O nome *pau-d'arco* encontra-se atribuído hoje a diversas espécies de *Tabebuia* Gomes ex DC., família das Bignoniáceas. A espécie aqui mencionada corresponde provavelmente a *Tabebuia impetiginosa* (DC.) Standley, cuja madeira muito dura é procurada por causa da sua resistência e incorruptibilidade, e se recomenda para eixos de roda e dentes de engrenagem. Cf. A. H. GENTRY, "Bignoniaceae", *Flora Neotropica*, mon. 25, Part II, p. 199, e LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 45.
76. Hoje *jataí*, *gitá*, *jataí-amarelo*, *jatobá*, *jataiba*, etc.: nome comum dado a várias árvores da família das Leguminosas, subfamília Cesalpinióideae, especialmente à *Apuleia leiocarpa* (Vog.) Macbr. e *Hymenaea courbaril* L. (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, pp. 142 e 155). A ela se referiu SOARES DE SOUSA (p. 214), com o nome de *jataí-mondé*, "de que se fazem eixos, fusos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos, cuja madeira é amarela, de cor formosa, muito rija e doce de lavar e incorruptível".
77. Hoje *jataí-preto*: nome vulgar atribuído a várias árvores da família das Leguminosas, subfamília Cesalpinióideae, especialmente a *Dialium guianense* (Aubl.) Sandw., cuja madeira é empregada em obras externas e hidráulicas, construções navais, etc. (cf. LORENZI, *op. cit.*, 2, p. 145 e LEWIS, *op. cit.*, p. 44). Deve ser o *jataípeba* descrito por SOARES DE SOUSA (p. 213): "madeira vermelha, e muito fixa, que nunca apodrece [...] de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios e outras obras de engenho, como são os eixos".
78. Ainda chamado *mucitaiba*, *moçetaiba*, *mecetaiba*, *pau-ferro*, etc.: é a *Zollernia ilicifolia* (Brongn.) Vog., família das Leguminosas, subfamília Papilionoideae, cuja madeira muito dura é indicada para obras de marcenaria e carpintaria (rodas e dentes de engrenagem e de moínhos, cilindros, prensas, etc.). Cf. Pío CORREA, *Dicionário...*, V, pp. 221-222, e LEWIS, *op. cit.*, p. 197; ver também SOARES DE SOUSA, p. 221; PISO, pp. 325-327; MARCGRAVE, p. 106.

tros semelhantes a estes. O madeiramento da casa do engenho, casa das fornalhas e casa das caldeiras e a de purgar, para bem há de ser de *maçaranduba* porque é de muita dura e serve para tudo, a saber, para tirantes, frechais, sobrefrechais, tesouras ou pernas de asna, espigões e terças<sup>84</sup>. E desta casta de pau há em todo o Recôncavo da Bahia e em toda a costa do Brasil. Os tirantes e frechais grandes valem três e quatro mil-réis e às vezes mais, conforme o seu comprimento e grossura<sup>85</sup>, assim toscos como vêm do mato, só com a primeira lavradura. Os eixos da moenda se fazem de *sapucaya* ou de *sapupira-cari*; a ponta ou cabo do eixo grande, de *pau de arco* ou de *sapupira*; os dentes dos três eixos da moenda, do rodete e da volandeira,

79. Nome atribuído a várias espécies pertencentes à família das Sapotáceas, cuja madeira apresenta características muito semelhantes para o mesmo uso (identificada como *Manilkara satzmanni* (A. DC.) Lam.; cf. T. D. PENNINGTON, "Sapotaceae", *Flora Neotropica*, mon. 52, pp. 54-55). SOARES DE SOUSA (p. 213) menciona que dela "se fazem gangorras, mesas, eixos, fusos, virgem, esteios e outras obras dos engenhos, cuja madeira é de cor de carne de presunto, e tão dura de lavar que não há ferramenta que lhe espete, e tão pesada que se vai ao fundo". Ver também VICENTE DO SALVADOR, p. 32; PISO, pp. 397-398; MARCGRAVE, p. 116.
80. *Pau-brasil* ou *ibirapitanga* (*Caesalpinia echinata* Lam.). Desta árvore se extraía a seiva com um princípio corante incolor, tornando-se rapidamente carmesim quando em contato com o ar, sendo muito usado para tingir tecidos. Muito abundante nas matas do litoral brasileiro, nomeadamente entre Pernambuco e Porto Seguro, foi explorada de maneira intensiva até ao início do século XIX, sendo o seu comércio monopólio real. Aliás, foi o primeiro produto exportado em grandes quantidades para Portugal, e daí para toda a Europa, a tal ponto que provocou o abandono do primeiro nome dado ao país pelos portugueses, Terra de Vera Cruz, o qual passou a ser Terra do pau-brasil, e simplesmente Brasil. A madeira do pau-brasil, muito dura e incorruptível, foi também muito utilizada nas obras de construção civil e naval. Hoje desapareceu quase totalmente das matas primitivas, e encontra-se sob proteção. Ver PÍO CORREA, *op. cit.*, v, pp. 380-383; LORENZI, *Árvores Brasileiras*, 1, p. 145; PISO, pp. 355-356; MARCGRAVE, pp. 101-102; ROBERTO SIMONSEN, *História Económica do Brasil*, pp. 52-63.
81. Nome atribuído a espécies da família das Leguminosas, especialmente a *Swartzia* spp., *Machaerium* spp., *Platymiscium* spp., *Dalbergia* spp. (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, pp. 168, 199-200, 212, 223). Encontra-se a referência em SOARES DE SOUSA (p. 221): "árvore de bom tamanho [...] cuja madeira é preta com algumas águas; e é muito dura, e boa de lavar para obras-primas; e é muito pesada, e não se corrompe nunca sobre a terra, ainda que lhe dê o sol e a chuva". Ver também PISO, *op. cit.*, p. 357; MARCGRAVE, *op. cit.*, p. 136.
82. Dá-se o nome de *pau-de-óleo* ou *copaíba* a diversas espécies de *Copaifera* L., género pertencente à família das Leguminosas, subfamília Cesalpinióidea, como *C. langsdorffii* Desf., cuja madeira é muito durável (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 152, e LEWIS, *op. cit.*, pp. 103-104). SOARES DE SOUSA (pp. 202-203) classificou-a nas "árvores de virtude" por causa do "óleo" (na realidade: resina) que dela se extrai, outrora muito usado na farmacopéia como cicatrizante. Ver também PISO, *op. cit.*, pp. 270-272; MARCGRAVE, pp. 130-131.
83. Não se encontra mencionada a árvore com esta grafia. Existem nomes parecidos (*pequiá*, *piquiá*, *pequi* e *piqui*), que se aplicam a algumas espécies de *Caryocar* Allamand ex L., género pertencente à família das Cariocaráceas, bem como a algumas espécies de *Aspidosperma* Mart. & Zucc., pertencente à família das Apocináceas, especialmente a *Aspidosperma parvi folium* A. DC., de madeira resistente e de grande durabilidade, usada para vigas, caibros, ripas, etc. (cf. LORENZI, *Árvores Brasileiras*, 1, p. 24). Talvez se trate do *pequi* ou *pequiá*, descrito por SOARES DE SOUSA (p. 212): "árvore grande que se dá perto do mar [...] cuja madeira é parda, estopenta, muito pesada, de que se fazem gangorras, mesas, virgens e esteios para engenhos, a qual dura sem apodrecer para fim dos fins". Ver também PISO, p. 317.
84. Todos estes termos referem-se às principais peças do vigamento dos edifícios; o único que não se encontra nos dicionários, *sobrefrechais*, corresponde provavelmente aos nossos modernos barretos.
85. As contas da habitação de Sergipe do Conde, safra de 1680/1681 (ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 17, nº 25) confirmam as indicações de preços: um tirante: quatro e cinco mil-réis; uma perna de tesoura: dois mil-réis; um caibro: 140 réis; um frechal: três e quatro mil-réis.

são de *messetauba*; as rodas da água, de *pau de arco* ou de *sapupira* ou de *vinhático*. Os arcos do rodete e volandeira, e as aspás e contraspas, de *sapupira*. As virgens e mais esteios e vigas, de qualquer pau de lei. Os carros, de *sapupira-merim* ou de *jetay* ou de *sapucaya*. A caliz, de *vinhático*. As canoas, de *picay*, *joairana*<sup>86</sup>, *jequitiba*<sup>87</sup>, *utussica*<sup>88</sup> e *angelim*<sup>89</sup>. As cavernas e braços dos barcos, de *sapupira* ou de *landim carvalho*<sup>90</sup> ou de *sapupira-merim*; a quilha, de *sapupira*<sup>91</sup> ou de *paroba*<sup>92</sup>; os forros e costados, de *utim*<sup>93</sup>, *paroba*, *burayém*<sup>94</sup> e *unhuiba*<sup>95</sup>; os mastros, de *inhuibatan*<sup>96</sup>; as vergas, de *camassarí*<sup>97</sup>; o leme, de *averno*<sup>98</sup> ou *angeli*; as curvas e as rodas da proa e

86. Este termo não se encontra nas obras já citadas, mas existem formas parecidas: *juerana* e *juerana*, sempre usadas com um sufixo (-vermelha, -prego, -verdadeira), nomes atribuídos a *Parkia pendula* (Willd.) Benth., família das Leguminosas, subfamília Mimosóidea (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 183, e LEWIS, *op. cit.*, p. 108). PÍO CORREA (*op. cit.*, 111, p. 27) menciona o seu uso para canoas - exatamente o referido aqui por Antonil.
87. *Jequitibá* é um dos nomes vulgares atribuídos a espécies da família das Lecitidáceas. Pela sua distribuição geográfica no Brasil, poderia ser a *Cariniana legalis* (Mart.) Kuntze (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 135, e Gh. PRANCE & S. A. MORI, "Lecythidaceae", *Flora Neotropica*, mon. 21, Part 1, pp. 239-240). Conforme refere SOARES DE SOUSA (p. 214), da sua madeira se faziam "gangorras, mesas dos engenhos e outras obras, e muito tabuado".
88. Este termo não se encontra nas obras anteriormente referidas; talvez seja uma variante das formas *oitica* e *oiti*, nomes vulgares atribuídos a *Couepia brandiflora* (Mart. & Zucc.) Benth. ex Hook, da família das Crisobalanáceas. Cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 83, que refere o emprego da madeira nas obras de construção civil e naval, por ser de boa durabilidade.
89. *Angelim*: provavelmente o angelim-coco, *Andira legalis* (Vell.) Toledo var. *legalis*, família das Leguminosas, subfamília Papilionóidea (cf. PÍO CORREA, *op. cit.*, 1, p. 120, e LEWIS, *op. cit.*, p. 211). É mencionado o emprego da sua madeira na construção naval, como indica Antonil. SOARES DE SOUSA (p. 214) refere o seu uso para "gangorras, mesas, eixos, virgens, esteios e outras obras dos engenhos e das casas de vivenda, e boas caixas, por ser madeira leve e boa de lavar".
90. Árvore conhecida por vários nomes populares de origem tupi: *guanandi*, *olandi*, *olandim*, *landim*, etc. Pertence à família das Gutíferas (*Calophyllum brasiliensis* Cambess.), tendo a sua madeira empregada na construção civil e naval, especialmente para a confecção de canoas, mastros e remos (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 116, e RIZZINI, *Árvores e Madeiras Úteis do Brasil*, p. 56).
91. Árvore já identificada *supra*, nota 73. Com o uso referido por Antonil, é mencionada numa carta do Senado da Câmara da Bahia ao Príncipe-regente D. Pedro, em data de 2.7.1685: avaliavam-se em trezentas as embarcações usadas nos engenhos de açúcar do Recôncavo, "as mais dellas de oitenta e cem palmos de quilha, que todos os anos se refazem e fabricam de novo de madeiras que chamão sicupira" (DHAMB-CS, 3<sup>o</sup> vol., p. 4).
92. A forma *paroba* não se encontra nas obras de referência já citadas, mas é provavelmente o mesmo que *peroba*, nome comum atribuído a diversas espécies do género *Aspidosperma* Mart. & Zucc., pertencente à família das Apocináceas. Cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, pp. 24-25.
93. Provavelmente o *oiti*, já referido *supra*, nota 88.
94. Hoje *buranbém*: *Pradosia lactescens* (Vell.) Radlk., família das Sapotáceas (cf. T. D. PENNINGTON, "Sapotaceae", *Flora Neotropica*, mon. 52, pp. 650-651; e PÍO CORREA, *op. cit.*, 1, p. 337). É mencionada como *ubiraém* por SOARES DE SOUSA (p. 214): "Árvore real [...] de que se fazem gangorras, mesas, virgens, esteios dos engenhos, e tabuado para navios, e outras obras, cuja cor é amarelaça". Ver também *Diálogos*, p. 108, s.v. *buraeam*.
95. Dadas as variações das vogais nos termos de origem tupi, *unhuiba* poderia ser a árvore *inhuibatan*, mencionada a seguir.
96. Identificação difícil: existe uma árvore com vários nomes vulgares, de consonância parecida, como *sejam-inhuiba*, *inutba*, etc., o que leva a admitir que esta árvore seja a *Lecythis lurida* (Miers) Mori, família das Lecitidáceas, cuja madeira dura é própria para uso externo (postes, estacas, dormentes, etc.). Cf. LORENZI, *Árvores Brasileiras*, 1, p. 140.
97. *Camagari*, *camagari-da-bahia*, *camagari-vermelho*: nome atribuído a diversas espécies de *Caraipa*, especialmente a *Caraipa densifolia* Mart., família das Gutíferas (cf. S. TAVARES, *Madeiras do Nordeste do Brasil*, Catálogo). SOARES DE SOUSA dedica-lhe um lugar especial na categoria que chama "madeiras meãs" (p. 215): "São estas árvores muito

popa, de *sapupira*, com seus corais metidos; as varas, de *mangue branco*<sup>99</sup> e os remos, de *lindirana*<sup>100</sup> ou de *genipapo*<sup>101</sup>.

As caixas em que se mete o açúcar se fazem de *jequitiba* e *camassar*<sup>102</sup>. E não havendo destas duas castas de pau quanto basta, se poderão valer de *burissica* para fundos e tampos<sup>103</sup>. E estas tábuas para as caixas vêm da serraria já serradas, e no engenho só se levantam, endireitam e aparam. E não de ter nos lados, para bem, dois palmos e meio de largo, e sete e meio ou oito de comprido, e os fundos três palmos de largo e o mesmo de comprimento<sup>104</sup>. Valia uma caixa, nos anos passados, dez ou doze tostões; agora subirão a maior preço<sup>105</sup>.

Um eixo da moenda, toscado no mato e torado só nas pontas, ou ainda oitavado, vale quarenta, cinquenta e sessenta mil-réis e mais, conforme a qualidade do pau e a necessidade que há dele<sup>106</sup>. Os que vêm de Porto Seguro e Patipe são somenos, por

compridas e direitas, das quais se tiram frechais e tirantes para engenhos de cem palmos, e de cento e vinte de comprido e dois de largo [...]; a qual madeira serve para toda a obra das casas, do que se faz muito tabuado para elas e para os navios. Esta madeira tem a cor vermelhaça, boa de lavar e melhor de serrar. Destas árvores se fazem mastros para os navios". No entanto, para o autor dos *Diálogos* (p. 107), é "pau mole", que serve para fazer as caixas de açúcar.

98. Na vasta bibliografia consultada, não vem o termo *averno*, o que torna a identificação arriscada. Poderia tratar-se do *avaremotema*, nome vulgar do *Pithecellobium cochliocarpum* (Gomez) Macbr., família das Leguminosae, subfamília Mimosoideae, ou do *barbatimão*, nome vulgar do *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville, família das Leguminosae, subfamília Mimosoideae, cujo uso é mencionado para obras expostas e em lugares úmidos. Cf. LEWIS, *op. cit.*, p. 178; PIO CORREA, *op. cit.*, 1, pp. 199 e 268; e LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 189.
99. Árvore já referida *supra*, p. 107.
100. Este vocábulo não é mencionado nas obras consultadas. Talvez a *lindirana* de Antonil possa ser identificada como *licurana*, *aricurana*, *urucurana*, *iricurana*, cuja madeira dura, difícil de cortar, suporta bem a umidade e a água salgada – qualidade esta que corresponde ao uso referido por Antonil. O nome botânico é *Hyeronima alborneoides* Allemão, família das Euforbiaceae. Cf. RIZZINI, *Árvores e Madeiras Úteis do Brasil*, p. 54, e LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 104.
101. O *jenipapo* (*Genipa americana* L.) é mais conhecido por causa das propriedades tintoriais do sumo das suas frutas, usado tradicionalmente pelos índios para pintar o corpo. No entanto, a sua madeira, muito leve depois de seca, era usada para fazer remos, conforme mencionado aqui por Antonil, e cabos de ferramentas (cf. PIO CORREA, *op. cit.*, IV, p. 515; ver também SOARES DE SOUSA, p. 193; VICENTE DO SALVADOR, p. 32).
102. Já referidas *supra*, p. 133, nota 87 e nota 97.
103. Árvore de identificação duvidosa, uma vez que o termo vulgar já não existe. Duas espécies parecem corresponder ao uso mencionado por Antonil: o *pau-d'alho* (*Segueiria langsdorffii* Moq., família das Pitcolacaceae), cuja madeira se emprega apenas para caixotaria leve, e o *tapidá*, também chamado *pau-d'alho* (*Crataeva tapia* L., família das Capridaceae), com o mesmo uso (cf. LORENZI, *op. cit.*, 1, p. 292, e 2, p. 60). Note-se que o *burissica* não é referido nas madeiras usadas para fazer as caixas de açúcar pelo autor dos *Diálogos* (p. 107).
104. As caixas eram quase quadradas, e deviam conter 35 arrobas de açúcar (cerca de 560 kg), como se verá *infra*, p. 174.
105. Nas contas do engenho de Sergipe do Conde mencionam-se os seguintes preços: 1 000 réis na safra de 1680/1681; 1 200 e 1 300 réis na de 1699/1700; 1 550 e 1 600 réis na de 1704/1705; 1 600 réis a partir de 1705 (cf. ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 17, nº 25, 27, 28 e 29). Estes documentos confirmam a evolução dos preços referida por Antonil, e reforçam a hipótese que formulei relativamente às várias etapas da composição da obra, exposta *supra*, pp. 43-47.
106. Nas contas do engenho de Sergipe do Conde, é referida a compra de um eixo de moenda por 55 mil-réis (ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 17, nº 29).

serem criados em várzeas<sup>107</sup>. Os melhores são os que vêm da Pitanga e da Terra Nova acima de Santo Amaro<sup>108</sup>. Toda a moenda importa mais de mil cruzados, além da roda grande da água que, por ser cheia de cavilhas e cubos, vale mais de duzentos mil-réis.

Ao carapina da moenda se dão cinco tostões cada dia a seco, e se lhe derem de comer dá-se-lhe um cruzado, e ainda mais nestes anos em que todos os preços subiram<sup>109</sup>. Quase o mesmo se dá aos carapinas de obra branca<sup>110</sup>. Aos carapinas de barcos e aos calafates se dão a seco sete tostões e meio, e seis tostões ou duas patacas se lhes derem de comer<sup>111</sup>. Um barco velejado para carregar lenha e caixas custa quinhentos mil-réis, um barco para conduzir açúcar trezentos mil-réis, e uma rodeira quatrocentos mil-réis. As canoas vendem-se conforme a sua grandeza e qualidade do pau. Por isso sendo as de que comumente se usa nos engenhos umas pequenas e outras maiores, maior ou menor também será o preço delas, a saber, de vinte, trinta, quarenta e cinquenta mil-réis<sup>112</sup>.

Cortam-se os paus no mato com machados no decurso de todo o ano, guardando as conjunções da lua, a saber, três dias antes da lua nova ou três depois dela cheia<sup>113</sup>. E tiram-se do mato diversamente, porque nas várzeas uns os vão rolando sobre estivas, outros os arrastam a poder de escravos que puxam. E nos outeiros,

107. *Patipe* foi o primeiro nome dado ao rio Pardo, ao norte de Porto Seguro (cf. AIRES DE CASAL, II, p. 394). Essa região, bem como a de Porto Seguro, eram muito ricas em madeiras de lei, pelo que não se justifica a opinião de Antonil.
108. Isto é, da parte norte do Recôncavo de Bahia, rica em florestas, onde se abasteciam os engenhos de açúcar da região. Em Pitanga havia um grande engenho da Companhia de Jesus (cf. SERAFIM LEITE, V, pp. 254-259). Não encontrei o topônimo indicado por Antonil: seria a vila de Terra Boa, a pouca distância ao norte de Santo Amaro?
109. As contas do engenho de Sergipe do Conde mencionam, na safra de 1680/1681, um salário de 500 réis por dia ao *carapina do engenho* (ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 17, nº 25). Mas para os outros anos, os salários são indicados de maneira global, o que torna impossível saber se sofreram variações.
110. Termo em desuso, substituído nos nossos dias pelo de *carpinteiro*. Por *carpintaria de obra branca* ou de *limpos* entendiam-se as obras de carpintaria tais como janelas, portas, escadas, soalhos, etc.
111. Cf. as contas do engenho de Sergipe do Conde, safra de 1680/1681 (ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 17, nº 25): 750 réis por dia ao *carapina da ribeira*.
112. Nas contas do mesmo engenho, anos 1705-1709 (ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 17, nº 29), é mencionada uma canoa por 50 mil-réis, mas não há referências a barcos maiores.
113. Vários costumes e superstições ligam-se ao corte da madeira, sendo de notar que no Brasil, segundo Antonil, isto se fazia sem respeitar o ritmo habitualmente observado na Europa de cortar a madeira no fim do inverno-início da primavera. Relativamente às fases da lua, CAMINHOÁ (*Elementos de Botanica Geral e Medica – Primeira Parte*, p. 377) refere que se respeitam no Norte e Centro do Brasil, porque "segundo a phase do astro, a árvore derrubada pode fornecer boa madeira ou má ou lascar-se-há facilmente". Parece interessante comparar a observação de Antonil com o que refere LABAT (III, pp. 13-15) para as Antilhas francesas: "Il ne suffit pas de faire abattre les arbres dont on veut se servir pour la charpenterie et pour d'autres usages qui sont de durée dans le découps et même dans les derniers jours de la lune si on veut les conserver longtemps et les préserver des vers et de la pourriture, mais il faut prendre garde qu'ils ne soient point en sève". E ainda menciona: "Les ouvriers ont une pratique assez ridicule qui est que le premier vendredi de la nouvelle lune est aussi bon que le découps pour couper les arbres; c'est une espèce de superstition indigne de gens de bon sens". Encontram-se muitas referências a essas crenças nas obras dos agrônomos latinos e franceses, tais como VARRON, *De agricultura*, cap. 37; OLIVIER DE SERRES, *Le théâtre d'agriculture et métier de champs*, I, pp. 45-46 e II, p. 580; DE LA QUINTINYE, *Instructions pour les jardins fruitiers et potagers*, pp. 354-355, etc.

de alto a baixo se descem com socairo, e para cima dos mesmos outeiros também se arrastam puxando. Isto se entende onde não há lugar de usar dos bois, por ser a paragem ou muito a pique ou muito funda e aberta em covões. Mas onde podem puxar os bois, se tiram do mato com tiradeiras, amarrando com cordas ou com cipós ou couros a tiradeira, segurada bem com chavelha. E na lama, em tempo de chuva, dizem que se arrastam melhor que em tempo de seca, porque com a chuva mais facilmente escorregam.

## CAPÍTULO VIII

### *Da casa das fornalhas, seu aparelho e lenha que há mister. E da cinza e sua decoada*

Junto à casa da moenda, que chamam casa do engenho, segue-se a casa das fornalhas, bocas verdadeiramente tragadoras de matos, cárcere de fogo e fumo perpétuo, e viva imagem dos Vulcões, Vesúvios e Etnas, e quase disse do Purgatório ou do Inferno<sup>114</sup>. Nem faltam perto destas fornalhas seus condenados, que são os escravos boubentos e os que têm corrimentos, obrigados a esta penosa assistência para purgarem com suor violento os humores gálicos de que têm cheios seus corpos<sup>115</sup>.

114. Antonil tirou esta imagem, particularmente impressiva, do sermão pregado em 1633 pelo seu mestre, o P. ANTÔNIO VIEIRA, na Confraria dos Pretos de um engenho de açúcar da Bahia, na ocasião da festa de S. João Evangelista (*Obras Escolhidas*, XI, pp. 40-41): "Que coisa há na confusão deste mundo mais semelhante ao Inferno que qualquer destes vossos engenhos e tanto mais quanto de maior fábrica? Por isso foi tão bem recebida aquela breve e discreta definição de quem chamou a um engenho de açúcar *doce inferno*. E verdadeiramente, quem vir na escuridade da noite aquelas fornalhas tremendas perpetuamente ardentes; as labaredas que estão saindo a borbotões de cada uma pelas duas bocas ou ventas, por onde respiram o incêndio; os etíopes ou ciclopes banhados em suor, tão negros como robustos, que subministram a grossa e dura matéria ao fogo, e os forçados com que o revolvem e atijam; as caldeiras ou lagos ferventes com os cachões sempre batidos e rebatidos, já vomitando espumas, já exalando nuvens de vapores mais de calor que de fumo e tornando-os a chover para outra vez os exalar, o ruído das rodas, das cadeias, da gente toda da cor da mesma noite, trabalhando vivamente e gemendo tudo ao mesmo tempo sem momento de réguas nem de descansos; quem vir enfim toda a máquina e aparato confuso e estrondoso daquela Babilônia não poderá duvidar, ainda que tenha visto Etnas e Vesúvios, que é uma semelhança do Inferno. Mas se entre todo esse ruído, as vozes que se ouvirem forem as do rosário, orando e meditando os mistérios dolorosos, todo esse inferno se converterá em paraíso, o ruído em harmonia celestial, e os homens, posto que pretos, em anjos".

115. Naquela época, era crença comum que, "com fazerem exercício de andar e outras coisas que provocam o corpo a suar", os homens que sofriam de "humores gálicos" podiam curar (cf. *Diálogos*, p. 70). Antonil repete aqui a ciência médica do seu tempo, especialmente da confusão que existia entre as *boubas* (espécie de tumores) e os *corrimentos* (isto é, a gonorréia) e os *humores gálicos* (ou *mal-francês*, isto é, a sífilis). Cf. EUSTAQUIO DUARTE, "O Tratado Único das Bezugas e Sarampo - Introdução Histórica", em *Morão, Rosa e Pimenta - Notícia dos Três Primeiros Livros em Vernáculo Sobre a Medicina no Brasil*, pp. 52-57.

Vêm-se aí também outros escravos facinorosos que presos em compridas e grossas correntes de ferro pagam neste trabalhoso exercício os repetidos excessos da sua extraordinária maldade, com pouca ou nenhuma esperança da emenda.

Nos engenhos reais costuma haver seis fornalhas, e nelas outros tantos escravos assistentes, que chamam metedores da lenha<sup>116</sup>. As bocas das fornalhas são cercadas com arcos de ferro, não só para que sustentem melhor os tijolos, mas para que os metedores no meter da lenha não padeçam algum desastre<sup>117</sup>. Tem cada fornalha sobre a boca dois bueiros, que são como duas ventas por onde o fogo resfolega<sup>118</sup>. Os pilares que se levantam entre uma e outra hão de ser muito fortes, de tijolo e cal. Mas o corpo das fornalhas faz-se de tijolo com barro, para resistir melhor à veemente atividade do fogo ao qual não resistiria nem a cal nem a pedra mais dura. E as que servem para as caldeiras são alguma coisa maiores que as que servem para as tachas<sup>119</sup>. O alimento do fogo é a lenha. E só o Brasil, com a imensidade dos matos que tem, podia fartar, como fartou por tantos anos e fartará nos tempos vindouros, a tantas fornalhas quantas são as que se contam nos engenhos da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, que comumente moem de dia e de noite seis, sete, oito e nove meses do ano<sup>120</sup>. E para que se veja quão abundantes são estes matos,

116. A este número de fornalhas correspondia o número das caldeiras do engenho. VILHENA (I, p. 184) menciona pelo menos dois escravos. Nas Antilhas francesas, LABAT menciona apenas um negro para duas fornalhas (III, p. 418).

117. Na sua "Memória Sobre o Preço do Açúcar", AZEREDO COUTINHO critica a "falta de método na construção das fornalhas das caldeiras", bem como "as muitas imperfeições que é necessário remediar para se evitarem os muitos desperdícios de lenhas, dos serviços dos escravos que as cortam e dos bois que as conduzem. O primeiro erro consiste em deixar aberta a boca da fornalha, depois de se lhe ter metido a lenha necessária, pois que, devendo aproveitar-se toda a força e atividade das chamas em fazer ferver os caldos das tachas, se perde muita parte das chamas, que retrocedem pela boca da mesma fornalha. Este erro é fácil de remediar-se, fazendo a boca da fornalha a mais pequena possível, para com mais comodidade se poder tapar com uma chapa de ferro, depois que se tiver metido a lenha necessária para conservar a chama" (em *Obras Econômicas*... p. 178, nota 2). Outra crítica, feita por VILHENA (I, p. 193), é relativa à altura exagerada que existia entre o crivo (ou grelha) e o fundo das caldeiras, levando a um consumo excessivo de lenha.

118. *Bueiro*, ou ainda *fuminé* (AZEREDO COUTINHO, *ibidem*) ou *chaminé* (VILHENA, I, p. 194). A este propósito, Azeredo Coutinho nota mais um erro na construção das fornalhas: "O terceiro erro consiste em se fazer a fornalha, ou o canal por onde passa a chama, todo igual desde a sua boca até a sua fuminé ou bueiro, o que faz que a chama, correndo como inclinada para a parte da fuminé, passa com uma grande rapidez, sem aquecer bastantemente as tachas, que é o fim principal".

119. No capítulo IX (p. 140), Antonil refere a diferença de tamanho entre as caldeiras e as tachas. A este propósito, VILHENA (I, pp. 196-197) critica a altura excessiva das fornalhas, que provocava um enorme gasto de lenha, e sugere ainda que, se se reduzisse a distância entre o pavimento das fornalhas e o fundo das caldeiras e tachas (estimada em dez palmos, aproximadamente dois metros), seria possível "aproveitar o bagaço, à imitação dos colonos das outras nações nossos vizinhos, que com tanta utilidade e bem resultada economia se servem dele [...] para o cozimento de mais quintais de açúcar do que nós fazemos de arrobas".

120. Infelizmente, a opinião de Antonil sobre a riqueza inesgotável das matas já não era comprovada, como foi referido *supra* (p. 81 e nota 11), posto que em 1681, por causa do enorme consumo de lenha, foi proibido o estabelecimento de novos engenhos na vizinhança imediata dos existentes.

só os de Jaguaripe<sup>121</sup> bastam para dar lenha a quantos engenhos há à beira-mar no Recôncavo da Bahia; e de fato quase todos desta parte só se provêem. Começa o cortar da lenha em Jaguaripe nos princípios de julho, porque na Bahia os engenhos começam a moer em agosto<sup>122</sup>.

Tem obrigação cada escravo de cortar e arrumar cada dia uma medida de lenha alta sete palmos e larga oito, e esta é também a medida de um carro<sup>123</sup> e de oito carros consta a tarefa. O cortar, carregar, arrumar e botar a lenha no barco pertence a quem a vende. O arrumá-la no barco corre por conta dos marinheiros. Há barcos capazes de cinco tarefas, há de quatro, há de três. E custa cada tarefa dois mil e quinhentos réis, quando o senhor do engenho a manda buscar com o seu barco; e se vier no barco do vendedor, ajuntar-se-á de mais o frete, conforme a maior ou menor distância do porto<sup>124</sup>. Um engenho real que mói oito ou nove meses gasta um ano por outro dois mil cruzados na lenha; e houve ano em que o engenho de Sergipe do Conde gastou mais de três mil cruzados, por moer mais tempo e por custar a lenha mais caro<sup>125</sup>.

Vem a lenha em barcos à vela, com quatro marinheiros e o arrais. E para bem, o senhor do engenho há de ter dois barcos, para que, em chegando um, volte o outro.

O melhor sortimento da lenha é aquele cuja metade consta de rolos grandes e travessos, que são menores, e outra de lenha miúda; porque a grossa serve para armar as fornalhas e para cozer o açúcar nas tachas, onde é necessário maior fogo para se coalhar; a mediana serve para fazer liga com a grossa; e a miúda serve para limpar o caldo da cana nas caldeiras, porque para se levantar bem a espuma, de-

121. Pequena vila à beira do Recôncavo, em frente da ilha de Itaparica.

122. LABAT (III, p. 433) menciona também a necessidade de ter seis semanas de avanço de lenha, antes de começar o fabrico do açúcar.

123. Já foram mencionadas as dimensões dos carros (*supra*, p. 119 e nota 26). LORETO COUTO (p. 176) refere que um carro de lenha pesava mais de 50 arrobas, ou seja, mais de 800 kg. Nas Antilhas francesas a obrigação dos escravos encarregados de cortar a lenha era igual (ver LABAT, III, p. 433).

124. As contas do engenho de Sergipe do Conde para as safras de 1680/1681, 1699/1700, 1704/1705, 1705/1706 mencionam compras de tarefas de lenha cujo preço varia de 2 000 réis a 2 500 réis (ANTT, *Cartório dos Jesuítas*, maço 15, nº 16, e maço 17, nº 25, 27, 28, 29).

125. Nas contas citadas na nota anterior, registram-se as quantidades de lenha e as despesas que se seguem: 1680/1681: 310 tarefas = 713 130 réis, ou seja, 1 782 cruzados e 330 réis; 1699/1700: 136 tarefas, mais 1 carro = 308 250 réis, ou seja, 770 cruzados e 250 réis; 1704/1705: 237 tarefas e meia = 509 100 réis, ou seja, 1 272 cruzados e 300 réis; 1705/1706: 225 tarefas = 509 150 réis, ou seja, 1 272 cruzados e 350 réis. Estas quantias estão diretamente relacionadas com o número de pães de açúcar produzidos durante as safras dos anos indicados: respectivamente, 3 576, 1 101, 2 600 e 2 500 pães. Geralmente, eram precisas duas tarefas de lenha para uma de canas. Mas Estêvão Pereira, autor da descrição do engenho de Sergipe do Conde publicada *infra*, Documento III, nota que "no fim da safra, que a canna esta encharcada em agoa, não bastão duas"; em tal caso, a despesa podia subir até quatro tarefas de lenha para uma de cana. LORETO COUTO (pp. 175-176) menciona também uma média de 3 000 tarefas de lenha para 1 500 pães de açúcar, e já referimos as críticas de VILHENA (I, p. 193) às fornalhas antigas, nas quais não se "queima por hora um carro de lenha da mais grossa, como sejam toros de dois, três e mais palmos de diâmetro".

mandam continuamente labaredas de chama<sup>126</sup>. E por isso a grossa se chama lenha de tachas, e a miúda, lenha de caldeiras.

Chegada a lenha ao porto do engenho, arruma-se na sua bagaceira; e sempre é bem que diante ou perto das fornalhas estejam arrumadas cinco ou seis tarefas de lenha. Gastam dois barcos de açúcar ordinariamente um de lenha, se for lenha sortida; porque se for miúda, não basta. O primeiro aparelho da lenha para se botar fogo à fornalha chama-se armar: e isto vem a ser empurrar rolos e estendê-los no lastro (o que se faz com varas grandes que chamam trasfogueiros), e sobre eles cruzar travessos e lenha miúda, para que levantada chegue mais facilmente com a chama aos fundos das caldeiras e tachas. E o metedor há de estar atento ao que lhe mandam os caldeireiros, botando precisamente a lenha que os de cima conhecem e avisam ser necessária, assim para que não transborde o caldo ou melado dos cobres, como para que não falte o ferver. Porque se não ferver em sua conta, não se poderá limpar bem da imundície que há de vir acima para se tirar e escumar das caldeiras. Porém para as tachas, quanto mais fogo, melhor.

A cinza das fornalhas serve para fazer decoada, e esta para limpar ao caldo da cana nas caldeiras e para que saia o açúcar mais forte. Para isso, arrasta-se com rodo de ferro até a boca das fornalhas pouco a pouco a cinza e borralho; e daí com uma pá de ferro se tira e se leva sobre a mesma pá para o cinzeiro, que é um tanque de tijolo sobre pilares de pedra e cal, de figura quadrada, com suas paredes ao redor<sup>127</sup>; e aqui se conserva quente, e assim quente se põe nas tinas que para isso estão levantadas da terra sobre uns esteios de três palmos. Aí, depois de bem caldeada e arrumada, se lhe bota água tirada de um tacho grande que está fervendo sobre a sua proporcionada fornalha perto do cinzeiro<sup>128</sup>. E para isso serve a água

126. Ao examinar os defeitos das fornalhas, AZEREDO COUTINHO ("Memória Sobre o Preço do Açúcar", p. 178) nota: "O segundo erro consiste em se meter nas fornalhas muita lenha desnecessária e, o que é pior, grandes toros de madeira verde, que além do grande trabalho de os cortar, de os conduzir e de os meter nas fornalhas, dão um fumo tão grosso e tão espesso que mais serve de apagar que de aumentar a chama: este erro tem o seu princípio na suposição em que alguns estão, de que quanto mais lenha mais chama; e quanto mais chama mais ferverem os caldos; porém, logo que se souber que todo e qualquer líquido quando chega a ferver não aumenta mais de calor [...] se conhecerá que basta conservar os caldos no seu maior grau de fervura, sem que seja necessário meter mais e mais lenha, porque toda é perdida, principalmente os grandes toros verdes".

127. Esta técnica muito rudimentar de recolha das cinzas na própria fornalha deve-se ao fato de não existirem no Brasil, na época de Antonil, fornalhas com crivos. Estes só apareceram no fim do século XVIII em alguns engenhos do Rio de Janeiro, conforme refere AZEREDO COUTINHO (*op. cit.*, p. 178): "Já em alguns engenhos, como vi no Rio de Janeiro, se fazem as fornalhas com algum método, formando uma abóbada sobre a qual estão assentadas as tachas, dividida em duas partes por um crivo de tijolos que serve não só para ... a lenha que conserva a chama, mas também para dar passagem às cinzas que caem para a parte inferior da abóbada, chamada vulgarmente cinzeiro".

128. Nas Antilhas francesas, não se misturavam as cinzas com a cal: dispunham-se em camadas alternadas com quatro variedades de ervas muito corrosivas e com a cal, sendo as primeiras e as últimas camadas de ervas muito bem pisadas e picadas (ver LABAT, III, pp. 281-283).

que passa pela bica que vai à casa das caldeiras. E coando esta água pela cinza até passar pelos buracos que têm as tinas no fundo, cobra o nome de decoada, e vai a cair nas formas ou vasilhas enterradas até à metade; e daí se tira com um coco, e se passa em um tacho para a casa das caldeiras, onde se reparte pelas formas que estão postas entre as caldeiras, e serve para os caldeireiros ajudarem com ela ao caldo, como se dirá em seu lugar<sup>129</sup>.

Há de porém advertir-se que nem toda lenha é boa para se fazer decoada; porque nem os paus fortes nem a lenha seca servem para isso. E a razão é porque os paus fortes fazem mais carvão do que cinza, e a lenha miúda dá pouca cinza, e sem força. A melhor é a dos mangues brancos<sup>130</sup> e de paus moles, a saber, a de cajueiros<sup>131</sup>, aroeiras<sup>132</sup> e gameleiras<sup>133</sup>. E para se conhecer se a decoada é perfeita, há de provar-se, tocando a língua com uma pinga dela sobre a ponta do dedo; e se arder, será boa; se não arder, será fraca. Também, se sobejar cinza de um ano para outro nas caixas onde a costumam guardar, antes de se pôr nas tinas deve tornar a aquecer-se no cinzeiro, ou misturar-se com a primeira que se tirar das fornalhas com borralho, porque se antes enfraqueceu, com este benefício torne a cobrar seu vigor.

#### CAPÍTULO IX

### *Das caldeiras e cobres; seu aparelho, oficiais e gente que nelas há mister, e instrumentos de que usam*

A terceira parte deste edifício superior às fornalhas é a casa dos cobres<sup>134</sup>. Porque ainda que esta se chame comumente a casa das caldeiras, não são elas só que

129. Ver *infra*, p. 145.

130. O mangue-branco é uma das árvores dos mangais; pertence à família das Combretáceas (*Laguncularia racemosa* L. Gaertn.f.). Cf. Pío CORREA, *op. cit.*, v, p. 85; ver também SOARES DE SOUSA, p. 218, s.v. *sereiba*: além do seu uso como "lenha para os engenhos", refere que "servem para encaibrar as casas de mato" e "para as casas dos engenhos".

131. O Professor J. MENDES FERRÃO dedicou vários estudos ao cajueiro (*Anacardium occidentale*, L., família das Anacardiáceas) e menciona que os povoadamentos foram "destruídos com o objetivo duplo de desembaraçar terra para a cultura da cana sacarina e de obter lenhas com as quais se faziam funcionar os engenhos de açúcar" (cf. especialmente o seu estudo *O Cajueiro*, pp. 21-22).

132. À família das Anacardiáceas pertence também a aroeira (*Schinus terebinthifolius* Radde), cujo uso para lenha e carvão é mencionado por H. LORENZI (*Árvores Brasileiras*, 1, p. 8).

133. Árvore de identificação difícil, por causa da confusão existente entre gêneros (família das Moráceas e família das Cecropiáceas). Se nos referirmos a SOARES DE SOUSA (p. 219), existia uma árvore "a que o gentio chama copanibuca, cuja madeira é mole, e não serve senão para cinza para os engenhos fazerem decoada"; mas o mesmo autor menciona que "estas árvores têm umas raízes sobre a terra, feitas por tal artificio, que parecem tábua postas ali à mão [...] de

O manuscrito tem a data de 1711. A impressão é feita pelo original, conservando-lhe a propria orthographia.

Não faço introdução alguma para não dizer trivialidades.

Neste obscuro recanto em que vivo, nem tenho tempo nem elementos para um estudo consciencioso e individual sobre a historia do Brazil, unica introdução appropriada a este trabalho.

Ao Brazil tambem dedico a publicação, por intermedio de V. Ex<sup>cia</sup>. Nestes momentos de consecração historica palpitam n'um só coração a alma portugueza e brasileira.

O Brazil perpetuou Portugal na America. A esphera que symbolisava outr'ora a assombrosa grandeza manuelina, é tambem um symbolo que hoje tremula no pavilhão glorioso do Brazil o qual, como disse, é a grande arvore da America do Sul, cuja seiva é o sangue de heroes do seculo XVI, e cuja efflorescencia são aspirações vehementes para uma civilização opulentissima, que não virá longe.

Seja, pois, V. Ex<sup>cia</sup>, já que assim o quiz generosamente, o interprete da minha sympathia pela grande Republica e permita que mais uma vez patenteie a V. Ex<sup>cia</sup> a minha admiração e affectuosa estima.

De V. Ex<sup>cia</sup> att<sup>o</sup> v<sup>o</sup>.

Macau, 1 de março de 1898

Horacio Poiares

III

*Descrição dos bens e rendimentos do colégio de Santo  
Antão de Lisboa no Brasil, pelo P.<sup>e</sup> Estêvão Pereira*

Coimbra, 23.8.1635

ANTT - Cartório dos Jesuítas, maço 13, n<sup>o</sup> 20

[f. 1]

Dase rezão da fazenda que o Collegio  
de Santo Antão tem no Brazil,  
e de seus rendimentos.

#### TERRAS EM CEREGIPE

Tem o Collegio de Sancto Antão no Estado do Brazil e reconcavo da Baja huma sorte de terra dada per sesmaria que contem tres legoas e meia de largo per costa de mar, e 4 para o sertão.

Verdade he que dentro dos limites e demarcação desta propria terra se introd[uz]irão muitas pessoas manhosa e furtivamente, e forão possuindo muitas propriedades de longo tempo a esta parte, sem contradição per parte dos Condes nem seus feitores, e agora não podem ser expellidos por se valerem da prescripção.

De toda esta terra pode vir a ser a que está plantada de canaviais de assucar tanto como legoa e meia em quadra (que he a que está junto ao mar ou aos rios navegaveis) capas de cana. Tudo o mais são matos que só servem para fazer roças de mantimentos e para alguns curraes de gado vacum.

Da terra capas de cana venderão os Condes em vida como as 3 partes, ficando huma só por vender, que he a que hoje possui a fazenda.

#### PARTIDOS EM CEREGIPE

[f. 1v] Este quinhão de terra capas de canna que ficou por vender está hoje toda aproveitada em canaveais muito bons. Parte das benfeitorias / (que são de inportancia, e pode ser pouco menos de ametade) são da fazenda pellas haver pagas aos lavradores: a outra he sua delles pellas averem feito a sua custa, e lhe não forão ainda pagas.

Esta dita terra não está junta, mas dividida em 10 ou 12 partes ou quinhões, metendosse entre huns e outros muitas propriedades alheas. Estas 12 partes estão arrendadas a outros tantos lavradores, e lhe chamamos partidos por serem terras que se lhe dão a partido.

Das terras que estão ao longo do mar ou de rios navegaveis, se paga a fazenda de renda em cada hum anno a 3ª parte do assucar que se faz da canna do tal partido que pertence ao lavrador, verbi gratia deu a canna do dito partido 600 arrobas de assucar, destas são 300 do engenho onde se fez, as outras trezentas (que he ametade) pertencem ao lavrador. Destas tem a fazenda cem arrobas que he a 3ª parte. A estes chamão partidos de 3ª.

Ha outros partidos de quarto, de que se paga so a quarta parte do assucar pertencente ao lavrador, e são os daquellas terras que ficão afastadas de portos de mar ou rios. Das quais por rezão da serventia mais trabalhosa em se levar a cana a carregadouro, se abate a renda.

#### VALOR E RENDA DAS TERRAS DOS PARTIDOS

[f. 2] Todas estas terras dos partidos podem hoje valer em seu comum e justo preço quarenta mil cruzados bem pagos / em 3 ou 4 annos.

Daqui em diante podem render os ditos partidos em cada hum anno quinhentas arrobas de assucar branco e 250 de mascavado. Digo daqui em diante porque em meu tempo não chegarão a dita contia por alguns dos partidos estarem em mato do tempo dos framengos; os quais fis reformar e plantar de novo: e acresentousse mais hum novamente junto ao engenho, que ja no anno passado rendeo. De modo que hoje bem darão a copia dita hum anno por outro. Verdade he que ~~tambem~~ ha hum encargo grande porque he o engenho obrigado a moer a cana de muitos dos ditos partidos, e não querendo pagar a fazenda toda a lenha que se levar em outros engenhos por fazer o assucar de tal cana. Esta obrigação meterão os feitores dos Condes nos arrendamentos que fizerão aos lavradores por tempo de 50 annos.

#### OUTRAS RENDAS E OBRIGAÇÕES

Das terras vendidas se pagão algumas galinhas que podem ser pouco mais ou menos sincoenta como enforo das terras. Ao livro remeto a certeza venderãosse as ditas terras com obrigação que toda a cana dellas ficaria *in perpetuum* obrigada ao engenho de Cerecipe ou mais engenhos que de novo fisessem nas ditas terras de Cerecipe: ficando os lavradores obrigados a ir antes do corte avizar ao administrador ou feitor da fazenda se ha mister a dita cana para o seu engenho ou engenhos. E querendo-a, a não podem dar a outrem.

[f. 2v] Este direito que a fazenda tem na cana dos lavradores / tem seu valor e preço por que todos comprarião por bem dinheiro sua liberdade na cana. E agora mais, por quanto eu alcancei huma sentença em que se declara que a fazenda está de posse prescripta de ir tomar a cana dentro aos portos dos lavradores obrigados. E em effeito me derão por quite a hum homem que me embargarão na cadea por culpa (tomada em querella) de que no meio do rio tomou ou ajudou a tomar huma bárca alhea carregada de cana obrigada, e a forão descarregar no nosso engenho. Esta sentença he de muita importancia por que ha annos de falta de cana e os lavradores querem antes dala a seus compadres.

## SOBEJOS

Afora as terras sobreditas, há outras a que chamamos sobejos, que são humas sobras que os lavradores possuem de maõ titulo sem pagarem dellas couza alguma; nesta forma, comprou hum delles verbi gratia 400 braças de terra em quadro e tantas pagou aos vendedores. Quando foi a entrega dellas (ou fosse por o feitor o premetir ou por malicia do medidor) lhe entregarão quinhentas braças. Estas cem braças que tem de mais, alem das 400 da compra, se chamão sobejos.

Destes sobejos ha muitos em Ceregipe, e são de importancia em tanto que afirmão pessoas intilgentes que valem oito ou dez mil cruzados. Os quais sobejos os mesmos lavradores que os possuem querem pagar, mas he necessario primeiramente medirem selhes de novo suas terras na forma de suas escripturas para se saber quanta he a terra que lhes sobeja e possuem de mais. Ja no anno antes dos olandeses se comesou a tal midição por particular provizão / de sua Mag<sup>de</sup> que ouvemos; os autos se perderão na tomada da terra. Convem *omnino* pedirse nova provizão e repetir-se a mesma deligencia sob pena de se irem prescrevendo os tais sobejos.

## TERRAS DE MATO

As terras de mato incultas em Ceregipe são muitas mais, sem comparação, do que as cultivadas. Dellas estam vendidas poucas. As que estam per vender valem bons doze mil cruzados. Os matos dellas tem madeiras de muito prestimo e preço mui necessarias para o engenho. Convem muito defendellas porque avendo descuido, tudo os moradores alimparão em breve.

Destas terras de mato estam arrendadas a varias pessoas todas que ficão mais proximas ao mar para suas roças de mandiocas e pastos de gado de que pagão suas rendas. Pode ser o que se paga ate oitenta mil reis em direito\*, quinhentos ou seiscentos alqueires de farinha de guerra\*\* que de ordinario val o menos a 260 reis, e sincoenta galinhas\*\*\* que valem a 240 reis. Porem se eu fora senhor das terras, em nenhum modo fizera os tais arrendamentos porque he sem comparação maior a

*Notas à margem, com outra letra:*

\* 103 u 200 disse a margem o P.<sup>e</sup> Andre de Gouveia.

\*\* O mesmo dis que 739 alqueires. E o P.<sup>e</sup> Sebastião Vaz na 2.<sup>a</sup> safra cobrou 140. E dis que por falta de novidade não cobrou mais.

\*\*\* 107 dis o P.<sup>e</sup> Gouvea, afora as de foro, que so no tempo do Conde erão 62.

perda que nos dão nas madeiras e lenhas que derrubão e furtão do que o proveito de suas rendinhas, tarde e çujamente pagas. Cedo se a de ver que por falta das lenhas junto ao mar an de ir os engenhos tras dellas ao certão (como em Pernambuco) e aquellas nossas terras são excelentes para cana com rios perenes estremados para engenhos de agoa, e fora grande couza acharemse entam os matos virgens porque depois de huma vez cortados para mandiocas, ficão as terras em capoeiras, que he como mato rasteiro e muito embaraçado. E as lenhas que se derrubão não se aproveitão agora por ficarem longe do mar. /

[f. 3v]

## ENGENHO DE CEREGIPE

O real engenho de Ceregipe (bem conhesido por este nome) assim no material como no formal he hum dos milhores e mais celebres que tem o Brazil, em rezão do sitio em que está, no meio dos infinitos canaveais, com estrema da serventia a elles por varios rios navegaveis, pella fermosa levada de agoa perene com que moe, pello bom fornecimento que ainda hoje tem (com as couzas andarem atrazadas), e he o melhor que em outro algum engenho da Baia em tudo, e ultimamente em rezão da muita cana de quasi toda a grande Patatiba, Aueupe [?] e Ceregipe que lhe está obrigada.

Este engenho com seu assento, casa de caldeiras, de purgar e de morada, terras do pasto e bemfeitorias de caes e levada, com todo seu movel de escravaria, cobres e muitas outras miudezas juntamente com as obrigações que tem apropriada de lhe darem os lavradores sua cana, tendo a escolha de toda a que ha naquelle limite, val de quarenta para sincoenta mil cruzados.

As contas do rendimento e gasto annual deste engenho vão adiante feitas com toda a diligencia, verdade e miudeza por satisfazer a curiosos que me pedem esta claresa.

## CURRAES EM CEREGIPE

Tem a fazenda em Ceregipe aonde chamão o Aueú dous curraes de gado vacum que precipiei no anno de 630 com 50 vacas. As quais vão multiplicando, em forma que quando entriquei o cargo a meu successor erão [...] cabeças ferradas afora bezeros de anno pera baixo [...] Estão nestes curraes tres negros e huma negra,

1. Indiquei entre [...] os espaços brancos do próprio manuscrito.